

J. FERNANDES MASCARENHAS

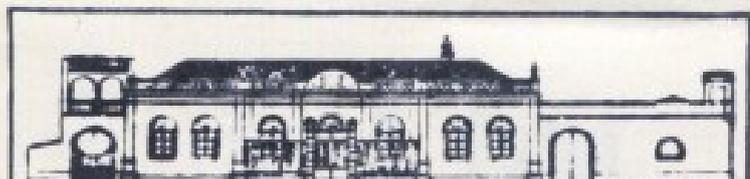
**Estoi,  
Moncarapacho,  
S. Bartolomeu de Messines  
e  
outras Terras do Algarve**

nos Levantamentos  
Contra o Domínio Filipino

2.ª EDIÇÃO

Faro — 1986

J. FERNANDES MASCARENHAS



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 930

Cota n.º 452

3-2

acho,  
meu de Messines

outras Terras do Algarve

nos Levantamentos  
Contra o Domínio Filipino

2.ª EDIÇÃO

Faro — 1986

Museu do Trajo  
São Brás de Alportel  
Centro de  
Documentação

Sempre presentes nas suas expedições, os seus  
nomes ligados ao movimento de libertação de  
contra o domínio dos mouros, em 1537-1538. É que o  
grande movimento iniciado no Reino Unido que trouxe  
nesta época, houve sempre uma presença efectiva no  
seu desenvolvimento, não se em Moçambique como em  
outras terras do Algarve. Os portugueses tiveram um  
papel de relevo na sua guerra e domínio sobre o Reino  
na altura em que se no Reino do Algarve, em 1537-1538  
de crescer alguns dos nomes de Coimbra se se  
foram durante a guerra, apesar das possíveis dificuldades  
e condições que se se realizaram de vários pontos de  
de terra que tinha de libertação. A história do Reino do  
Algarve e da própria Espanha, que o domínio de Espanha  
e a sua história, como Portugal, foram os seus  
domínios.

Das mesmas fontes primárias não ficaram quaisquer  
registos pelo menos não se conhecem que por esse  
tempo houve alguma conveniência. O mesmo se não  
se passou com os irmãos capangas de conversão de Fern  
sua, embora os registos não indiquem nomes, e os nomes  
se respectivos valem que se registaram com as obrigações  
de alguns desses registos.

No caso do Reino de Santa Cruz, subsistia sobre o seu  
domínio em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e São  
Cristóvão, e a sua história e a influência dos  
países da Espanha, especialmente em Ponta Delgada e São  
Cristóvão, com o domínio de 1537-1538 e a presença de  
interesses espanhóis de terra, especialmente sobre a ilha  
de São João.

## POR TERRAS DO ALGARVE

Ensaios de História e Arqueologia

Sempre pensámos que, em Moncarapacho, tivessem havido reflexos do movimento do «Manuelinho» de Évora contra o domínio dos Filipes, em 1637-1638. E que o grande movimento religioso de Santo Cristo que florescia nessa aldeia, tivesse exercido uma possível influência no seu desenvolvimento, não só em Moncarapacho como em outras terras do Algarve (1). Os jesuitas que tiveram um papel de relevo na luta contra o domínio filipino, tinham na altura um colégio no Reino do Algarve, em Faro. E é de crer que alguns dos padres da Companhia de Jesus fossem diversas vezes pregar nas grandes peregrinações e romagens que aí se realizavam de vários pontos do País, de gente que vinha do longínquo Ultramar, do Norte de África e da própria Andaluzia, esta, província de Espanha, a desejar também, como Portugal, tornar-se independente.

Dos mesmos padres jesuitas não ficaram quaisquer registos, pelo menos não se conhecem, até por que não haveria talvez muita conveniência nisso. O mesmo já não se passou com os frades capuchos do convento de Faro que, embora os registos não indiquem nomes, mencionam as respectivas verbas que se gastaram com as pregações de alguns desses religiosos.

No nosso livro **Santo Cristo. Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho**, referimo-nos a uma provável influência dos padres da Companhia de Jesus nos levantamentos contra os espanhóis, com início em 1637, citando a propósito o interessante trabalho de João Pereira Gomes, sob o título «Os professores de filosofia da Universidade de Évora»,

no qual vem citado o nome de Sebastião do Couto (<sup>2</sup>), doutor, catedrático e pregador de grande prestígio, que percorreu o Alentejo e o Algarve antes desses levantamentos, sob o pretexto de pregar o que, na douta opinião do Prof. António de Oliveira, não devia ter sido por pura coincidência (<sup>3</sup>).

Jaime Cortesão, por seu turno, referindo-se à revolução de 1640, afirma mesmo que «hoje não é lícito negar a parte enorme que aos jesuítas portugueses coube na participação daquele movimento» (<sup>4</sup>), de que, afinal, os levantamentos de 1637-1638 foram o início de uma grande agitação no Sul do País e em muitas terras do Centro e do Norte também.

Ora ainda não há muito tempo, pela mão do nosso afilhado e amigo, Dr. Miguel Eusébio de Sousa, distinto médico cardiologista e estudioso também de assuntos antropológicos e históricos, foi-nos oferecida uma separata da Revista Portuguesa de História, publicada pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com um estudo do Prof. Doutor António de Oliveira, sob o título **Levantamentos Populares do Algarve de 1637-1638. A Repressão**, onde Moncarapacho é indicado com Estoi, S. Bartolomeu de Messines e outras terras do Algarve nas quais se verificaram fortes levantamentos contra o domínio filipino. O excelente estudo histórico, que faz parte de trabalho de maior tomo, do mesmo autor, **Levantamentos Populares sob o domínio filipino**, em vias de publicação, é muito bem fundamentado em documentação do **Arquivo General** de Simancas (Espanha), Arquivo Distrital de Évora, Arquivo Histórico Nacional de Madrid e de outros arquivos e bibliotecas, entre os quais o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e da Universidade de Coimbra, Biblioteca Pública de Évora e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Diz-nos o Prof. Doutor António de Oliveira que «nos ataques aos centros urbanos destacam-se Estoi, Moncarapacho e S. Bartolomeu de Messines, aldeias polarizadas da investida, respectivamente, contra Faro, Tavira e

Silves. Lugares da serra de Monchique, com outras populações do termo de Aljezur, teriam desempenhado igualmente papel importante na sublevação» (°).

«O movimento camponês do Algarve não se processou isoladamente. A cidade de Faro, por exemplo, é atacada por Estoi com a ajuda de S. Brás de Alportel. É o «distrito» de S. Bartolomeu de Messines que investe contra Silves, Moncarapacho e outras aldeias, por sua vez, atacam Tavira (°). E, em nota, esclarece o ilustre historiador, que «na companhia de Nossa Senhora da Luz estava incorporada gente de Santo Estêvão e Santa Catarina da Fonte do Bispo. Ao tempo do segundo motim estiveram unidos, pelo menos, amotinados de Nossa Senhora da Conceição, Santa Catarina e Cacela» (°). «No comando dos levantamentos, Moncarapacho desempenhou papel de relevo ao procurar a junção dos amotinados do Termo de Faro e de outras partes». Tentativa de reunião de forças, a inculcar o desejo de acção comum e a justificar a informação de la Puebla quanto às intenções do Algarve (°). O marquês de Loriana e la Puebla era assessor da princesa D. Margarida, duquesa de Mântua. Tais levantamentos, porém, foram reprimidos e as terras sublevadas acabaram, por intermédio dos seus legítimos representantes, de pedir clemência ao Rei para lhes perdoar os excessos cometidos.

Enfim, como se vê, os levantamentos alastraram por todo o Algarve, e não foram ligeiros motins, antes pelo contrário. A causa imediata dos mesmos foi, como se sabe, o exagerado agravamento dos impostos, quase asfixiantes, que o povo teve de suportar, decretados por um governo estrangeiro que esse mesmo povo odiava profundamente. Era, sobretudo, o imposto do real de água, incidindo sobre a carne e o vinho. Porém, se a causa imediata foi essa a mediata era certamente o amor da Pátria, nessa altura cativa, que era necessário libertar.

Através da séria e bem elucidativa documentação do estudo a que nos estamos referindo, vêm citados os cabeças dessas revoltas no Algarve, lista extensa, sem dúvida,

que não vamos aqui transcrever na íntegra. Apenas alguns nomes desses revoltosos.

De Estoi, entre outros, aparecem «Juan Ruiz escrivane de testamentos del lugar de Estoy, Francisco Luis sacristan, el hijo de Domingo Porçel alguacil de los clerigos. el juez de la ventena del dicho lugar de Estoy» (9). Mas entre os principais cabecilhas dos levantamentos do termo de Faro conta-se Diogo Faria Moniz, homem nobre que ocupou elevados cargos nessa cidade e morador em Estoi.

Aparecem amotinados em Faro, Estoi, S. Brás de Alportel, Moncarapacho, Lagoa, S. Bartolomeu de Messines, Aljezur e outras terras do Algarve.

Quanto a Moncarapacho, verifica-se através da documentação publicada em apêndice no referido livro, que nesse lugar andava inquietando a população um tal Álvaro Gonzalez. Depois deste os mais culpados da dita Aldeia foram «Estevan Alvarez çapateiro, Pedro Xuares (Soares certamente), George Estevan y outros hermanos, Francisco Ruiz Almocreve, António Guerrera ollera, Rodrigo Lopez estereiro. Todos moradores en dicha aldea de Moncarapacho» (10). E o seu principal agitador foi, porém, segundo a documentação citada no referido estudo, Domingos Dias, da cidade de Tavira, que lhe chamam facinoroso que veio por capitão de todos os amotinados dessa aldeia e das gentes que a ela se juntaram, sentenciado de muitos anos de galeras e o mais prejudicial homem daquela cidade, etc.

«Os soldados das ordenanças, no Algarve, diz o autor, são os próprios amotinados, que actuam enquadrados nas companhias de que fazem parte ou em conjuntos que implicam outros elementos. Com os soldados está a hierarquia das companhias de infantaria, do capitão ao cabo, a congregar e comandar ou acompanhando os amotinados». E «nem todos os amotinados tiveram por capitães elementos das milícias ou da administração. Os «inquietadores», em algumas localidades, são genericamente designados por «gente ordinária y facinorosa» (11).

Ora no ano de 1637, aproximadamente, aparecem-nos no livro n.º 1 da **Receita e despesa de Santo Cristo de**

**Moncarapacho**, no título de recebimento do mordomo Martim Gomes, que tem o seu início no ano de 1631, a seguinte verba: «Recebeu mais quando vieram os soldados 410 réis (12).

Os soldados deviam ter sido os das ordenanças e não os soldados da repressão. Para mais a Aldeia de Moncarapacho estava bastante agitada contra os espanhóis por causa do imposto do real de água, como vimos anteriormente. Não só essa freguesia como todo o Algarve. E que estas revoltas contra o domínio espanhol dos Filipes não deveriam andar muito desligadas do culto de Santo Cristo, temos ainda o facto de D. João da Costa, conde de Soure, um dos 40 conjurados da revolução de 1640, ministro de El-Rei D. João IV e nosso enviado à corte de Paris, ter oferecido directamente ou ter mandado entregar aos mordomos, de Santo Cristo de Moncarapacho, 500 réis, como se vê na relação das respectivas esmolas (13).

Quanto aos condenados às galés e ao desterro ou fora da Lei que a justiça não havia conseguido prender, tratava-se talvez, em muitos casos, de indivíduos sebastianistas, pois o sebastianismo estava muito generalizado também no Algarve. Até se dizia ainda há poucos anos que, na freguesia de S. Brás de Alportel, existia uma árvore onde El-Rei D. Sebastião havia de prender o seu cavalo no regresso à Pátria. O jovem rei era muito estimado pelo povo que até o venerava como um herói da lenda.

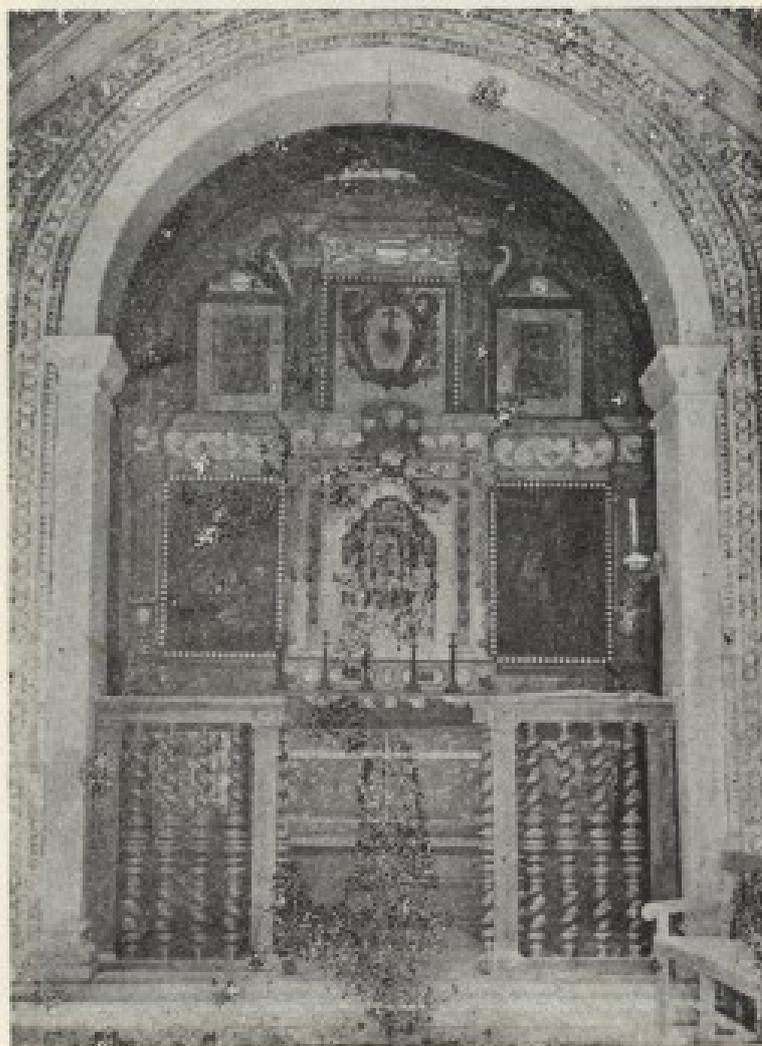
Embora tivesse havido em Dezembro de 1637 um perdão geral, alguns dos cabecilhas de tais levantamentos expiaram no cadafalso a sua acção e o seu patriotismo. Não foram muitos, por prudência do governo de Madrid. Não obstante, a actuação no Algarve do duque de Medina Sidónia e do marquês de Valparayso foi violenta, o que equivale a dizer, que o sangue português correu, antecipando a manhã redentora de 1 de Dezembro de 1640.

## NOTAS

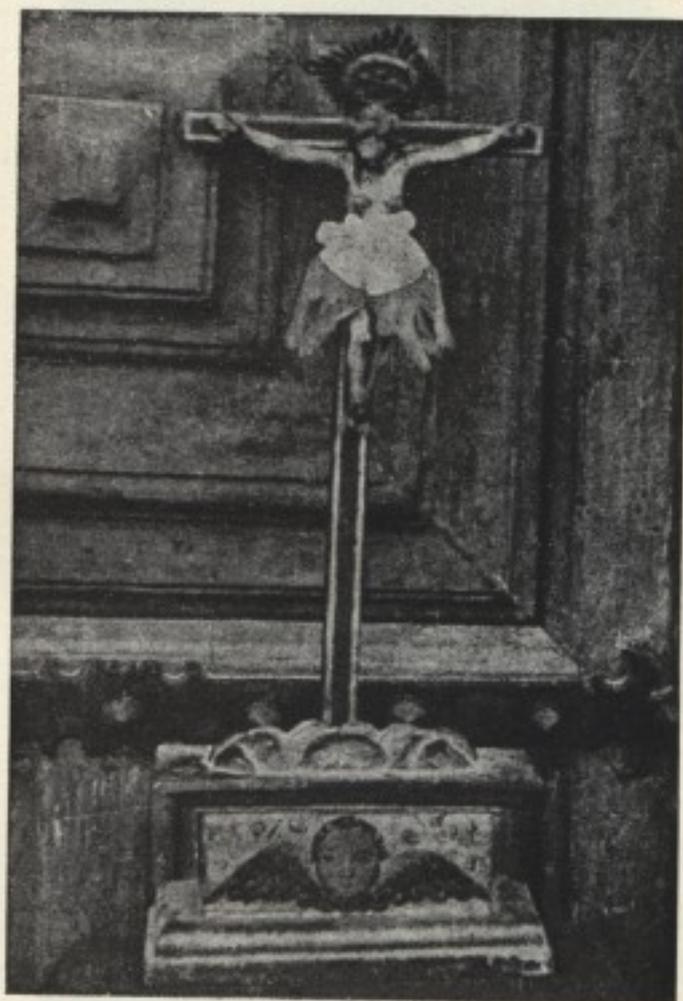
- (1) J. Fernandes Mascarenhas — *Santo Cristo. Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho*, Lisboa, 1971, p. 49.  
Tanto nós como Antero Nobre já em 1928 admitíamos tal hipótese.
- (2) *Idem, Ibidem*, p. 50.
- (3) António de Oliveira — *Levantamentos Populares do Algarve em 1637-1638. A Repressão*. Coimbra, 1984, p. 30.
- (4) *Aut. cit.* — *Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, 1984, p. 64.
- (5) António de Oliveira — *Levantamentos Populares do Algarve em 1637-1638. A Repressão*, *ob. cit.* p. 23.
- (6) *Idem, Ibidem*, pp. 23 e 24.
- (7) *Idem, Ibidem*, p. 24.
- (8) *Idem, Ibidem*, p. 24.
- (9) *Idem, Ibidem*, p. 117.
- (10) *Idem, Ibidem*, p. 118.
- (11) *Idem, Ibidem*, pp. 27 e 28.
- (12) J. Fernandes Mascarenhas — *Santo Cristo. Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho*, *ob. cit.*, p. 44.
- (13) *Idem, Ibidem*, pp. 48, 50 - 52.

### OBSERVAÇÃO:

Este nosso artigo, publicado no jornal «Lest Algarve», N.º 94, de 8-4-1985, é como que um complemento do nosso livro *Santo Cristo*, várias vezes citado.



O Altar da Capela de Santo Cristo



A imagem de Santo Cristo

## ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR

No Reino de S. João

O que se descobriu nos arquivos do Arquivo Nacional de S. João

Organização da  
do Seculo  
Falação

Constituição da

Constituição da

A Constituição da



D. João da Costa,  
um dos conjurados de 1640

## ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR:

No Rumo da Educação.

O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII.

Organismos Oficiais de Estatística Portuguesa e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topográfica ao Instituto Nacional de Estatística (1841-1958).

Coexistência Cultural no Ultramar Português.

Considerações sobre os factores educativo e económico no cooperativismo.

A Cooperativa Agrícola do Limpopo.

As Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve no Desenvolvimento Agro-Pecuário da Província (Comunicação às I Jornadas das Cooperativas de Crédito do Algarve).

Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica.

A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos.

A Origem da Ordem do Carmo em Portugal nas suas relações com a Ordem de Malta.

Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a sua restauração).

S. Gonçalo de Lagos — Subsídios para o estudo da sua personalidade e do seu culto (IV da colecção «Estudos Algarvios» da Casa do Algarve em Lisboa).

A confusão dos cultos de S. Gonçalo de Lagos e S. Gonçalo de Amarante.

O culto de S. Gonçalo de Lagos na Família Real Portuguesa.

S. Gonçalo de Lagos venerado no Colégio Universitário Agostiniano de Coimbra.  
(Comunicações apresentadas ao I Colóquio Gonçalino e reunidas num volume sob o título «Algumas facetas do culto a S. Gonçalo de Lagos»).

A Herdade da Coroadá e o Tratado das Terçarias de Moura.

À Conquista da Vitória (Manuel organizado pelo autor e editado pela Obra dos Soldados — Direcção Nacional da Juventude Católica).

- As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (Subsídios de etnografia e folclore).  
A Actual Nomenclatura das Ruas de Moncarapacho.  
O Cerro de S. Miguel.  
Santo Cristo — Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho.  
Cinco séculos na vida de uma freguesia (Discurso inaugural das comemorações do 5.º centenário de Moncarapacho).  
Algumas doações de D. Dinis em Faro e seu termo.  
Páginas Gonçalinas — Lembrando S. Gonçalo de Lagos e a sua mensagem.  
Chocué — Nome primitivo da cidade de Trigo de Morais e outros topónimos das principais localidades do distrito de Limopo.  
A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes.

## **POR TERRAS DO ALGARVE — ENSAIOS DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA**

- D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira.  
A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz da igreja de Santo Estêvão de Tavira.  
O Vinho da Fuseta e a Economia do Algarve (Subsídios).  
Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios.  
Elementos de Arqueologia sobre o Algarve.  
Fornos de cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve.  
A verdadeira naturalidade de Diogo de Mendonça Corte-Real.  
Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Balsa.  
Dois documentos arqueológicos recentemente achados, sobre os judeus no Algarve.  
A população de Moncarapacho no século XVI, livre e escrava, através de rois de confessados inéditos.  
O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua história).  
Estoi, Foncarapacho, S. Bartolomeu de Messines e outras Terras do Algarve nos Levantamentos contra o domínio Filipino.